



Corpo de baile

Bailarinas negras quebram o tabu dos tutus brancos e agora encenam clássicos do balé

Cena do segundo ato de 'Giselle', encenada pela São Paulo Companhia de Dança Charles Lima/Divulgação

Iara Biderman

SÃO PAULO Sílides e donzelas fantasmas deslizam pelo palco com suas saias esvoaçantes, os tutus românticos que simbolizam os chamados "balés brancos" — o nome surgiu por causa da cor do figurino. Elas são bailarinas da São Paulo Companhia de Dança, nas duas estreias desta temporada, "Les Sylphides (Chopiniana)" e o segundo ato de "Giselle". Entre elas, as 11 contratadas na última audição da companhia, cinco são negras. "Não houve cota. Todas foram escolhidas por sua capacidade técnica e artística", conta Inês Bogéa, diretora da companhia. Mas ainda há, no Brasil, pouquíssimas mulheres negras dançando clássicos de repertório em grandes conjuntos. "Os coreógrafos brasileiros entendem que é o momento de dar mais voz a essa diversidade", diz Bogéa. Voz e acesso. No caso da São Paulo Companhia de Dança, uma das condições foi dada, paradoxalmente, pela pandemia. Como as audições foram feitas por Zoom, mais

peças de fora dos grandes centros puderam participar, com menor custo financeiro. A possibilidade de mostrar o talento a distância animou Nayla Ramos, de 20 anos, a participar da seleção. Nascida em Campinas, no interior paulista, e formada pelo Balé Bolshoi do Brasil, ela começou a vida profissional há dois anos, em Joinville, quando engravidou. Daí veio a pandemia. "Estava complicado lidar com tudo isso. Quando soube que a audição era a distância, achei que era o momento de retomar e começar algo importante na minha carreira", diz Ramos. Ramos é afrodescendente, sabe que no Brasil e no mundo as oportunidades no balé profissional para seu biótipo são poucas, mas diz que nunca aceitou rótulos. "Nasci nesse corpo e zelo por ele. Não aceito que minhas características possam ser uma dificuldade para seguir a carreira." Boa parte dos obstáculos são socioeconômicos. "A formação em dança clássica é cara, cria uma defasagem racial e social", diz o coreógrafo e pesquisador Rui Moreira.

É algo, aliás, histórico — o balé nasceu como uma dança de elite, na corte europeia. "Isso contribuiu para profissionalizar a dança, mas gerou restrições econômicas, de classe, até geopolíticas, porque isso foi definindo tipos específicos de corpos", diz ele. Moreira, bailarino negro, dançou clássicos e contemporâneos em grandes companhias, como Cisne Negro, Balé da Cidade de São Paulo e Grupo Corpo. Atualmente, faz parte da curadoria do Festival de Dança de Joinville. Nesse festival, em que o balé clássico é muito forte, a participação de bailarinas negras sempre chama a atenção, diz ele. Mulheres, no entanto, sempre enfrentaram situação mais difícil. "Para cada 20 bailarinas se formando, há um homem", diz Moreira. Na época em que ele se profissionalizou, as companhias precisavam de corpos masculinos para o elenco, e era mais fácil para os meninos conseguirem bolsas. Mesmo assim, a falta de representação de corpos negros e não europeus persistiu. Segundo Moreira, isso come-

“ O balé sempre foi muito elitizado. Qualquer coisa que a gente faça é uma quebra. Muito do que as pessoas consideram normal, para nós não é

Pamela Rocha
bailarina

A gente demorou para ocupar nosso espaço, acreditar que poderíamos. Mas, daqui para frente, vamos ver muitas mulheres negras, não só na dança

Dandara da Rocha
bailarina

çou a mudar depois da Segunda Guerra. O balé clássico se firmou em lugares como Cuba, país afrodiáspórico, com corpos muito diferentes do europeu, mas muito eficientes para a linguagem clássica. Também nos Estados Unidos, George Balanchine, que desertou da então União Soviética para fundar o New York City Ballet, criou novas técnicas e adaptou o balé a corpos miscigenados. Mais tarde, George Mitchell, o primeiro negro a dançar na companhia nova-iorquina fundou o balé do Harlem, bairro negro de Nova York, depois de passar uma temporada no Brasil. Desde então, começou a circular uma visão mais contemporânea dos clássicos da dança, fazendo com que os corpos sejam mais plurais. Mas o recorte socioeconômico continuou restringindo o acesso. "E, no Brasil, a maior parte da população negra é pobre", afirma Pamela Rocha, de 24 anos, formada em dança numa escola pública de Anápolis, em Goiás, e agora uma das novas contratadas da São Paulo Companhia de Dança. "O ba-

lé sempre foi muito elitizado. Qualquer coisa que a gente faça é uma quebra. Muito do que as pessoas consideram normal, para nós não é." Ela dá como exemplo as meias-calças e sapatilhas sempre cor-de-rosa ou brancas. Opções de cores mais próximas dos diferentes tons de pele só surgiram no mercado há pouco tempo. O figurino faz parte dos cânones do clássico. Hoje, é discutido e revisto. Para as sílides desta temporada, cores de sapatilhas e meias foram definidas em conversas entre as bailarinas e a direção. Criar unidade do corpo de baile em cena, outro cânone, foi o trabalho de Ana Botafogo. "Les Sylphides", que ela já interpretou várias vezes, é sua primeira recriação de um grande clássico como coreógrafa. "Minha preocupação foi transmitir a essência da obra criada por Michel Fokine no início do século 20, mantendo a estrutura coreográfica com um olhar atual", diz Botafogo, que deu a suas sílides braços diferentes, movimentos adaptados à diversidade de corpos.

Continua na pág. B11



Ana Paulino, Nayla Ramos, Dandara da Rocha, Pamela Rocha e Gabriela Evangelista, da São Paulo Companhia de Dança



As bailarinas Ana Paulino, Nayla Ramos e Dandara da Rocha, do mesmo corpo de baile paulistano

Fotos Eduardo Knapp

Continuação da pág. B10

Outras inovações surgem na iluminação, nos cenários. Para "Les Sylphides", Fabio Namatame costurou telas de sombrite, material usado em viveiros de plantas, para criar montanhas e florestas. Em "Giselle", clássico romântico recriado por Lars Van Cauwenbergh, Vera Hamburger fundiu imagens de Debret com fotos de Cássio Vasconcellos.

Entre colinas e costelas de Adão, novos corpos ganham espaço. "No sistema em que vivemos, se o artista não está ocupando territórios, não está em lugar nenhum", diz Moreira, o bailarino e coreógrafo.

Visibilidade muda a cena. "A gente demorou para ocupar nosso espaço, acreditar que poderíamos ser o que quiséssemos. Mas, daqui para frente, vamos ver muitas mulheres negras, não só na dança, mas em todas as profissões", diz Dandara Caetano da Rocha, de 24 anos. Formada com bolsa de estudos no Balé Jovem de São Vicente, no litoral paulista, ela também foi contratada na última seleção. Ela conta ter relutado em

fazer o teste. "Deixei para me inscrever no último minuto." O motivo, diz, foram tabus da própria cabeça sobre as chances de sucesso, até porque as negras continuam sendo minoria e exceção no repertório clássico dos grandes balés.

Segundo Moreira, é marcante ver tantas afrodescendentes entrando numa audição, com quase 150 candidatas, para uma das principais companhias do estado e do país.

"Tem muito a ver com o momento atual. É o talento de cada bailarina, mas é resultado de muita luta social. E de uma leva de bailarinas que teve acesso à formação, com projetos que levaram a dança aos lugares aonde ela não chegava."

Les Sylphides e Só Tinha de Ser com Você

São Paulo Companhia de Dança. Qui, a sáb, 19h; dom, 17h. Até 20/6. Teatro Sérgio Cardoso, r. Rui Barbosa, 153. R\$ 45 a R\$ 70. Transmissão online gratuita no YouTube da SPCD

Giselle - Ato II e Agora

São Paulo Companhia de Dança. Qui, a sáb, 19h; dom, 17h. De 24/6 a 27/6. Teatro Sérgio Cardoso, r. Rui Barbosa, 153. R\$ 45 a R\$ 70. Transmissão online gratuita no YouTube da SPCD

Peça 'Dez por Dez' é sensível, mas poderia desconfiar da generalização

TEATRO

Dez por Dez
★★★★★

Autor: Neil LaBute. Direção: Guilherme e Gustavo Leme. Com: Denise Fraga e outros. Até 11/7 no site do Teatro Unimed. Grátis

Paulo Bio Toledo

"Dez por Dez" é uma peça-filme dirigida por Guilherme e Gustavo Leme a partir de projeto do cineasta Neil LaBute. Dez atrizes e atores apresentam breves cenas nas quais personagens nada excepcionais contam algo sobre sua vida.

Todos olham para a câmera e falam por mais ou menos dez minutos, sem cortes ou edição, como se conversassem com um interlocutor invisível. Tais características fazem com que a obra penetre um espaço híbrido, ali entre o vídeo e o teatro.

Com uma ou outra exceção, não há história fantástica narrada. Pelo contrário, são fragmentos de vida comum. A maior parte delas são triviais e estão dispostas sem nenhum encadeamento aparente. Apesar disso, causam um tipo de interesse magnético. O mérito é muito do elenco, expondo segredos banais de vidas ordinárias com um tom de forte excepcionalidade.

Um exemplo é o episódio de Denise Fraga, uma das maiores atrizes em atividade no país. Com gestos cheios de significado e uma atenção para os sentidos do que diz, ela conjuga rigoroso exame crítico de seu papel com uma comvente conexão com as dores da personagem —o que faz lembrar seu último trabalho nos palcos, "Eu de Você".

A mulher feita por Fraga vive uma crise melancólica, e o vazio da personagem ganha uma dimensão de grandeza profunda, com implicações sociais, no modo como a atriz a representa.

Mesmo convivendo com essa sensibilidade, a adaptação brasileira de "Dez por Dez" intervém timidamente no material de LaBute.

A equipe parece crer que a vida cotidiana elaborada pelo texto do americano é um instantâneo de certa universalidade, com seus sofrimentos e alegrias fugazes; egoísmo e ressentimento; desejos e fracassos.

As localidades preparadas pela filmagem brasileira enfatizam essa contextualização genérica —os planos da fotografia em preto e branco de cada episódio criam ambientes abstratos, sem marcação específica.

Mas, se aqueles seres parecem reconhecíveis para nós, não é porque há uma sentimentalidade universal que une a humanidade.

As personagens parecem saídas de filmes e séries produzidos nos Estados Unidos. Provavelmente, são tipos reconhecíveis mais devido a hegemonia simbólica desse mercado do que por se aproximarem de algo como as formas essenciais do comportamento humano.

A montagem parece considerar natural essa transposição entre o cotidiano retratado por LaBute e o brasileiro. A ponto de não achar necessário assinalar a especificidade do ambiente americano ou retrabalhar personagens, buscando estabelecer conexões locais.

Apesar da alta sensibilidade que mobiliza, há pouca disposição autoral dos criadores brasileiros e um tipo de generalização humanista que poderia ser observada com mais desconfiança.